



## Mal-estar e o desamparo: Uma aproximação secular entre Freud e Schmitt

### Malaise and helplessness: A secular approach between Freud and Schmitt

Willian Mac-Cormick Maron<sup>1</sup>

**Resumo:** A psicanálise nos fornece um aparato conceitual capaz de possibilitar um olhar para a política. Sigmund Freud constrói uma teoria sobre a sociedade estabelecendo um paralelo entre a civilização (desde seus primeiros povos) e a psique individual. Neste ponto Freud estabelece um mito sobre a fundação da civilização a partir de um grande pai que é assassinado pelos filhos que agora repousam sobre a culpa e lembram, por imagens e rituais totêmicos, a culpa e a potência deste grande pai que paira como organizador social. Por outro lado, Carl Schmitt nos aparece como o teórico de uma secularização de um modelo teológico para o campo político, o que se aproximaria do conceito de horda em Freud. Assim, a sociedade se replicaria em modelos políticos e se organizaria em torno de seus ritos, direitos e proibições. Portanto, Freud descreveria o que poderíamos chamar de uma “teologia política”.

**Abstract:** Psychoanalysis provides us with a conceptual apparatus capable of looking at politics. Sigmund Freud builds a theory about society by establishing a parallel between civilization (from its first peoples) and individual psyche, at this point Freud establishes a myth about the foundation of civilization from a great father who is murdered by the children who now rest about guilt and remember by images and totemic rituals, the guilt and power of this great father who looms as a social organizer. On the other hand, Carl Schmitt appears to us as the theorist of a secularization of a theological model for the political field, which would approach the concept of horde in Freud. Thus, society would replicate itself in political models and organize itself around its rites, rights and prohibitions. Therefore, Freud would describe what we might call a “political theology”.

1 Mestre e doutorando em filosofia pela PUC-PR, onde pesquisa a constituição do sujeito a partir das relações de identificação, em especial a formação das lideranças e estruturas coletivas e sociais através de uma matriz conceitual psicanalítica. É professor universitário de pós-graduação e coordena grupos de estudo e seminários sobre a relação entre a psicanálise, identificação, direito, política, cultura e sociedade. É autor do livro *Do que é Feito um Líder? Uma Leitura Psicanalítica das Coletividades e suas Identificações*, publicado pela Editora Juruá em 2016.

## Introdução

Desde Freud, podemos pensar que a constituição e o embrião da sociedade repousam sobre um crime cometido em comum, assim como podemos pensar a manutenção de uma sociedade a partir das renúncias pulsionais (ou instintuais). Por tal a civilização<sup>2</sup> e o seu projeto (conceito) são permeados por constante mal-estar.

As possíveis fontes de tal mal-estar dar-se-ão pela contínua e exaustiva tarefa civilizatória da repressão do que seria algo como uma “natureza humana”, em detrimento da instituição da cultura. Freud institui uma teoria da repressão como base de um processo civilizatório. Tal mal-estar se mostra atenuado com o que Freud chamaria de sentimento oceânico, uma resposta alienatória ante o desamparo.

Nesse sentido, podemos conceber o desamparo como um afeto social central na obra de Freud, e o que estrutura as relações e identificações coletivas, assim como as renúncias pulsionais. Assim podemos perceber que no embrião e na dinâmica social residem tentativas de respostas dadas pelo humano já desamparado.

O objetivo de nosso escrito é revisitar o conceito de desamparo (*Hilflosigkeit*) no trajeto freudiano e analisá-lo como um afeto social e político primordial que convoca a produção de respostas possíveis como a constituição das coletividades e atribuição de sentido. Assim, conseqüentemente, pretendemos estabelecer uma aproximação de um modelo social e político nas obras de Freud e Schmitt, que pressupõem uma estrutura teológica, monoteísta e secularizada como forma de uma narrativa política que console o desamparo.

## O desamparo e o sentimento oceânico

A questão do desamparo em Freud é o que nos ajuda a pensar a possibilidade de uma constituição ou manutenção das coletividades em torno de um afeto protagonista. O desamparo é o afeto político central para Freud desde a obra *Totem e Tabu* (1913), passando por *O Futuro de uma Ilusão*<sup>3</sup> (1927) até *Mal-Estar na Civilização* (1929). Assim pressupomos que, dentro de nosso trajeto<sup>4</sup> de escrita

2 “Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra ‘civilização’ descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos (FREUD, 2006c, p. 96)”.

3 O conceito de desamparo aparece primeiramente em Freud como um reflexo ante as ameaças da natureza: “*Mit diesen Gewalten steht die Natur wider uns auf, großartig, grausam, unerbittlich, rückt uns wieder unsere Schwäche und Hilflosigkeit vor Augen, der wir uns durch die Kulturarbeit zu entziehen gedachten.*” (FREUD, 1928, p. 23). Ou, na tradução da Editora Imago: “É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização.” (FREUD, 2006c, p. 25).

4 O trajeto deste ensaio teve como seu esboço o trabalho desenvolvido a partir da obra *Filosofia, Religião e Psicanálise*, de Mohr e Vieira, 2017, como título do capítulo desenvolvido “A função

deste trabalho, possamos pensar o desamparo como produtor tanto da *Angst* (medo sem substância, ou angústia) quanto do *Furcht* (medo substancializado).

*Totem e Tabu* (1913) é a história de um mito criado por Freud com bases antropológicas, biológicas, sociológicas e psicológicas para a formação de um modelo teórico-especulativo de horda, que seja capaz de explicar o início da civilização e o trajeto de sua passagem para a cultura. De certa forma, essa passagem apresenta paralelos interessantes ao olharmos para o desenvolvimento do neurótico como uma constituição por meio da introjeção de leis e regras sociais a partir de uma função paterna. O lugar do pai (desde a horda) estaria, portanto, como a base das estruturas coletivas e das sociedades ocidentais.

O desamparo - *hilflosigkeit* - nos aparece (desde *Totem e Tabu* de 1913) após o parricídio na horda, em forma de um *Kosmos*<sup>5</sup> hostil que nos priva dos prazeres e desejos. O assassinato do pai da horda é o embrião social repousado em um crime cometido em comum que institui, em uma nova ordem pelo tempo, renúncias pulsionais, assim como proibições que tornam possíveis a vida em comum com o outro, como irmãos dotados de direitos. Nesse processo consiste a percepção de que o Pai da Horda (o mais forte em um bando de iguais, o não castrado, ao qual nada era proibido), até então detentor de um monopólio de sentido ou uma sensação de proteção, não vive mais. Portanto paira sobre a humanidade uma cisão do ego com o *kosmos*, do Eu com a natureza. Nessa separação reside o desamparo como um afeto que nos convoca a respostas.

Algumas dessas respostas podem ser percebidas nos textos “*O futuro de uma Ilusão*” e “*Mal-estar na Civilização*”. Uma resposta possível se dá em um tipo de sentimento que permeia a sociedade como uma forma de consolo para este humano que estruturalmente experimentou a sensação de viver em um *kosmos* hostil, onde o mundo e a natureza se mostram como forças imprevisíveis e incontroláveis. Freud assinalaria tal sentimento denominado como “oceânico” sob influência de cartas trocadas com seu amigo e escritor *Romain Rolland*. Freud pontua em uma carta datada de 5 de dezembro de 1927.

Se compreendi corretamente o meu amigo, ele quer significar, com esse sentimento, a mesma coisa que o consolo oferecido por um dramaturgo original e um tanto excêntrico ao seu herói que enfrenta uma morte auto-infligida: ‘Não podemos pular para fora deste mundo’. Isso equivale a dizer que se trata do sentimento de um vínculo indissolúvel, de ser uno com o mundo externo como um todo (FREUD, 2006c, p.74).

---

do líder e das coletividades face ao desamparo”, p. 193.

5 Cosmo ou cosmos (do grego antigo *κόσμος*, *transl. kósmos*, “ordem”, “organização”, “beleza”, “harmonia”) é um termo que designa o universo em seu conjunto, toda a estrutura universal em sua totalidade, desde o microcosmo ao macrocosmo. O cosmo é a totalidade de todas as coisas deste universo ordenado, desde as estrelas, até as partículas subatômicas.

Partimos de uma ideia de que o mundo, universo ou *kosmos* nos coloca como moradores indesejáveis, tornando-se hostil e gerando uma cisão entre a instância da natureza com o ser humano. Assim, em Freud (2006c, p. 77) podemos perceber o sentimento oceânico como o retorno primitivo de “um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca”, produzindo uma percepção idealizada de que o mundo é nosso lar familiar, protetor e não hostil, na qual temos um laço profundo. O sentimento oceânico é o reapaixonamento pelo *kosmos* revivendo uma nostalgia primeva de harmonia entre o ego e o mundo.

Assim, estamos perfeitamente dispostos a reconhecer que o sentimento ‘oceânico’ existe em muitas pessoas, e nos inclinamos a fazer sua origem remontar a uma fase primitiva do sentimento do ego. Surge então uma nova questão: que direito tem esse sentimento de ser considerado como a fonte das necessidades religiosas (FREUD, 2006c, p. 80).

Talvez como uma tendência do ego, busca-se remontar uma cena familiar perdida na horda, mas que se torna secularizada como um modelo que se procura replicar transpondo uma relação de tempo e espaço. O ego busca a revivescência da horda, uma sensação de completude para sempre perdida, uma reaproximação com um *kosmos*, proteção e consolo ao desamparo em forma de sentido.

O sentimento oceânico seria a aniquilação do sujeito minimamente emancipado, a partir de uma ilusória fusão do ego com o universo, é o apaixonamento ao *kosmos*, até então hostil. A secularização do sentido atribuído às religiosidades está diretamente vinculada ao sentimento oceânico como um consolo ao desamparo humano mais primevo.

A derivação das necessidades religiosas, a partir do desamparo do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta, parece-me incontrovertível, desde que, em particular, o sentimento não seja simplesmente prolongado a partir dos dias da infância, mas permanentemente sustentado pelo medo do poder superior do Destino. Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. Dessa maneira, o papel desempenhado pelo sentimento oceânico, que poderia buscar algo como a restauração do narcisismo ilimitado, é deslocado de um lugar em primeiro plano. A origem da atitude religiosa pode ser remontada, em linhas muito claras, até o sentimento de desamparo infantil (FREUD, 2006c, p. 80-81).

A espera de uma providência divina paralisa o humano a partir de um consolo ao desamparo. Essa paralisia estabelece, neste indivíduo, um menor poder emancipatório, pois, se há um criador todo-poderoso de todas as coisas, do destino e do tempo, nele – ou nesta ideia – há de se repousar e buscar consolo. Porém, tal consolo se estabelece como uma entrega de sentido absoluto. O totalitarismo de sentido, atribuído à uma instância criadora e onipotente, remete a sociedade também a um afeto social que

denominamos de medo (*Furcht*). A ideia de um Deus que consola ou salva desloca-se também para o grande pai que castiga e pune. A mesma ideia de um Deus que nos protege da imprevisibilidade e impetuosidade da natureza é a constatação que se transpõe para ele todo o monopólio de sentido e do medo. Não se teme mais a natureza como realidade, mas sim a própria instância criadora da natureza.

Posso imaginar que o sentimento oceânico se tenha vinculado à religião posteriormente. A ‘unidade com o universo’, que constitui seu conteúdo ideacional, soa como uma primeira tentativa de consolação religiosa, como se configurasse uma outra maneira de rejeitar o perigo que o ego reconhece a ameaça-lo a partir do mundo externo (FREUD, 2006c, p. 81).

O sentimento oceânico é a negação do desamparo em que o absolutismo da realidade na forma da natureza e do *kosmos* hostil se contrapõe com a ideia de que há uma consciência divina que cria os próprios fenômenos da natureza dentro de um projeto de salvação, de promessa e de destino. O sentido atribuído a uma providência e a uma salvação implica a constituição e manutenção de um lugar privilegiado nas organizações coletivas a partir da função de um grande pai protetor e provedor, substituto do pai primevo outrora assassinado.

O Futuro de uma Ilusão [1927c], estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião — o sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso (FREUD, 2006e, p.82).

O remorso do parricídio atua como fator de potencialização do poder do pai morto que agora se torna uma ideia dominante que legitima outros discursos (de líderes substitutos) que representam a memória de um pai, criador, juiz e dotado de um monopólio de sentido. A memória do pai, assim como as regras estabelecidas após o crime primevo, torna-se norteador dos atos, da moral e da organização social da civilização.

Segundo o mito freudiano em *Totem e Tabu*, há um parricídio que convoca os membros da horda a uma resposta neurótica de estagnação ao desamparo, como visto nas religiões e algumas relações políticas, já outros membros afirmam o desamparo e fazem dele um elemento de emancipação. Desde Freud (2006f, p. 23) é possível descrever o herói como aquele que teve a coragem de rebelar-se contra o Pai e, ao final, sobrepujou-o vitoriosamente.

Ao afirmar o desamparo, o indivíduo toma posse de sua angústia e, a partir dela, se coloca como produtor de seu próprio sentido em torno de um vazio que não é preenchível, mas é estrutural. A angústia (*Angst*, como um medo sem substância) é fonte de criação. Se o desamparo é um afeto de grande potencial emancipatório quando produz *Angst*, o *Furcht*, em contrapartida, nos remeterá à posição de servidão, como quem espera uma providência vinda de algum lugar – vazio ou não. O desamparo aparece como afeto motriz após o assassinato em comum em Freud, é o que institui as proibições e renúncias que geram e regulam as relações sociais. Tentativas de resposta ao desamparo tornaram-se marcas características da busca do homem no alcance da civilização.

No decorrer do tempo, fizeram-se as primeiras observações de regularidade e conformidade à lei nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perderam seus traços humanos. O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs (FREUD, 2006c, p. 26).

A civilização visa consolar o homem ante o desamparo sobre um estado de natureza, seja em uma estrutura social monoteísta ou politeísta. As forças da natureza eram indicativos dos desejos humanos para Freud (2006c, p. 27), assim como os “Deuses eram senhores da natureza que haviam-na disposto para ser como era e agora podiam deixa-la por sua própria conta”.

### **Aproximações de Freud e Schmitt**

No texto “O Futuro de uma Ilusão” (2006c), Freud aponta para a questão da angústia (*Angst*, como uma ameaça não objetivada) e do desamparo (*Hilflosigkeit*) ante a potência esmagadora da natureza e a onipotência de um todo-poderoso – como o Demiurgo schmittiano – que torna o homem dependente a partir de um modelo medieval. A figura do Demiurgo eliminaria a possibilidade de uma posição de sujeito como visto na psicanálise, o submetendo de forma impotente aos seus agrados ou sua ira, estabelecendo, portanto, uma relação de medo (*Furcht*). O modelo demiúrgico freia a livre circulação de sentido exercendo seu próprio monopólio. A *Hilflosigkeit* não encontra alívio da tensão da angústia a partir do modelo demiúrgico que apenas fornece proteção contra a ameaça da vida coletiva causada pela força avassaladora da natureza.

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza (FREUD, 2006c, p. 26).

A força da natureza é dos pontos iniciais da geração de vínculos comunitários, buscando assim proteção. O desamparo pode ser o evocador tanto da angústia como do medo. Freud pressupõe a constituição das primeiras identidades coletivas como uma resposta às ameaças da natureza ante a um humano desamparado após o assassinato do pai da horda. Tal vazio do lugar deixado pelo pai estabelece a necessidade de buscar substitutos paternos como lideranças que possibilitem novas narrativas que visem ao consolo do desamparo. Freud, portanto, detém certa cautela sobre a constituição de tais fenômenos. O aparecimento de figuras substitutas paternas que detêm um monopólio de sentido apresenta um risco totalitarista, além de pressupor a manutenção de uma coletividade paralisada e passiva aguardando qualquer forma de salvação.

Assim, não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta; curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum, pois, no fundo, é isso que todos estão exigindo, e os mais arrebatados revolucionários não menos apaixonadamente do que os mais virtuosos crentes (FREUD, 2006c, p. 147).

Tais modelos que se erguem e se constituem em torno de uma figura de destaque que responda pela coletividade ao desamparo tornam-se estruturalmente replicados em outros modelos religiosos como políticos. Assim buscamos compreender o dispositivo conceitual que proporciona pensar a secularização.

A *Teologia Política* (2009), de Carl Schmitt, é um documento central sobre sua proposta de secularização a partir do ponto em que propõe uma analogia estrutural entre a noção política de soberania e a noção teológica da potência absoluta de Deus. Nesse sentido pretendemos apresentar também uma analogia entre o modelo social substancialista de Schmitt e o modelo primevo cultural em Freud como uma revivescência da horda primeva, um modelo secularizado de estrutura social. Assim buscamos encontrar uma chave hermenêutica que permita interpretar um certo modelo metafísico substancialista à luz do modelo de interpretação dos textos freudianos que trazem o pai da horda (ou seus substitutos) como figura principal.

A horda não era propriamente uma família, mas o primeiro esboço de uma coletividade originada a partir de uma moral de proibição restringindo o parricídio, a violência, o incesto, o homicídio, o canibalismo, e assim instituindo a exogamia. No entanto, os primeiros grupos primitivos se formaram a partir dessas proibições em formas de regras e normas para renúncias pulsionais em troca da civilidade como vemos hoje (MARON, 2016, p. 58). Por esses princípios, Freud destaca que:

O grupo nos aparece como uma revivescência da horda primeva. Do mesmo modo como o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo, a horda primeva pode mais uma vez surgir de qualquer reunião fortuita; na medida em que os homens se acham habitualmente sobre a influência da formação de grupo, reconhecemos nela a sobrevivência da horda primeva. (Freud, 2006b, p. 134).

Interessa-nos, portanto, destacar que em Freud haveria um retorno ao primitivo das coletividades quando sublinha que “o grupo nos aparece como uma revivescência da horda primeva”, ou seja, um grupo/massa seria uma horda secularizada, onde se reviveria o totemismo e, conseqüentemente, sua mesma estrutura coletiva. Para Freud as estruturas coletivas a partir de então tornam-se modelos monoteístas secularizados em torno de um importante substituto paterno (líder, comandante, padre, etc.).

Esse primeiro líder é a figura mitológica do pai assassinado e incorporado (como na horda primeva em *Totem e Tabu*), após há o aparecimento de um substituto paterno, um hipnotizador pelo uso das palavras (como visto na *Psicologia de Grupo*) ou o surgimento da figura de um estrangeiro que venha a ocupar a posição do político (como descrito em *Moisés e o Monoteísmo*).

As figuras totêmicas inseridas por Freud nos permitem uma leitura do soberano em Schmitt através de um modelo teológico de relação à posição de liderança nas coletividades. O soberano, o monarca e o príncipe são termos utilizados por Schmitt em sua obra ao se referir a uma posição privilegiada das lideranças nas estruturas coletivas. Schmitt (2009, p. 44) apresenta tal posição como uma representação direta de um poder do Demiurgo, referindo-se ao monarca como aquele que “se identifica com Deus, e o Estado ocupa análoga posição à atribuída a Deus dentro do mundo no sistema cartesiano”.

O príncipe é o Deus cartesiano transposto ao mundo político, assim se torna “um exemplo de como através das *noções* metafísicas, sociológicas e políticas transparece esta identidade perfeita, psicologicamente em primeiro lugar (e fenomenologicamente para um fenomenólogo), e como em todas elas postula-se o soberano como unidade pessoal e motor supremo” (SCHMITT, 2009, p. 45). Em seu conceito sobre teologia política, Schmitt nos apresenta um problema que é a secularização das estruturas religiosas e monoteístas que permeiam as relações coletivas e a instituição de um líder como fator de identificação em nosso inconsciente e nas instituições políticas modernas.

Sob essa identificação do Estado e a ordem jurídica, típica do Estado de direito, encoraja uma metafísica das leis naturais com a legalidade normativa (SCHMITT, 2009, p. 40-41).

Constatamos, portanto, que tanto para Schmitt como para Freud é uma metafísica que determina as relações sociais e que modelos teológicos aproximados sustentam teorias que seriam de “adversários” – lembrando que Freud era ateu e judeu de origem, e Schmitt, juriconsulto hitlerista de orientação católico-romana. Mesmo sem ser leitor de Freud, Carl Schmitt tem como base uma estrutura coletiva monoteísta secularizada para justificar sua “Teologia política”. Em Schmitt a política é um campo teológico secularizado, pois replica através dos tempos uma estrutura monoteísta que reproduz um modelo medieval. Em ambos os autores podemos ver

como pano de fundo um viés metafísico-substancial. Essa secularização significa a transposição de premissas teológicas para o âmbito político moderno.

Todos os conceitos centrais da moderna teoria do Estado são conceitos teológicos secularizados. O qual é certo não só por razão de sua evolução histórica, enquanto foram transferidos da teologia para a teoria do Estado, convertendo-se por exemplo, o Deus onipotente no legislado todo poderoso, senão também por razão de sua estrutura sistemática, cujo conhecimento é imprescindível para a consideração sociológica destes conceitos (SCHMITT, 2009, p. 37).

Em outras palavras, o realismo do poder visa se apoiar em um modelo teológico e a secularização implica a repetição desses mesmos modelos teológicos/monoteístas das estruturas coletivas até então pouco questionadas. Neste ponto se faz necessário buscar alternativas conceituais que nos possam propor novos tipos de olhares sobre o lugar do líder na democracia e nas estruturas coletivas. Hans Blumenberg, em seu texto “The legitimacy of the modern age” (1995), apresenta pertinentes críticas à estrutura secular de Schmitt:

O que é notável, metodologicamente, na “teologia política” de Carl Schmitt é que ela não encontra qualquer valor neste nexo de secularização desde que (como me parece) teria sido mais natural, em vista da intenção desta “teologia política”, estabelecer a relação de derivação inversa interpretando a aparente derivação teológica dos conceitos políticos como uma consequência da qualidade absoluta das realidades políticas (BLUMENBERG, 1995, p.92).

É no sentido de uma contraposição ao modelo secularizado de Carl Schmitt que Hans Blumenberg desenvolve seu trabalho e avança em seus escritos. É possível pressupor o sentimento oceânico como um reflexo do desamparo, podemos pensar que a religião ou a metafísica nos aparece como possibilidade de uma tentativa de tamponar ou negar o desamparo. Assim preenche o vazio desamparo de sentido buscando consolo. Por outra via também seria possível afirmar o desamparo, possibilitando, assim, algum tipo de emancipação ou produção de novas subjetividades sobre ele. Pois, em nossa visão, o desamparo não é opcional, é estrutural.

## Conclusão

Concluimos que o desamparo nos aparece como afeto social primordial na obra de Freud, afeto este que convoca para uma resposta em forma de produção de sentido ou como forma de alienação em um sentido apresentado como consolo. Assim, o sentimento oceânico se mostra como uma resposta ao desamparo de forma de alienação que visa reconciliar o humano com um *kosmos* hostil e uma natureza imprevisível, incontrolável e impetuosa. O sentimento oceânico visa reestabelecer uma sensação de unidade do homem com o universo, para sempre perdida, o que se torna porta de entrada para novas relações que visam amparar o homem a partir de sentidos religiosos e metafísicos absolutistas.

Uma das grandes problemáticas humanas desde os primórdios até a contemporaneidade é como responder eficazmente ou se defender ante a força esmagadora e a imprevisibilidade típica da natureza. Ao unir-se em coletividades o homem tenta alcançar melhores respostas ao problema lhe atribuindo algum sentido.

A civilização o poupa dessa tarefa; ela a desempenha da mesma maneira para todos, igualmente, e é digno de nota que, nisso, quase todas as civilizações agem de modo semelhante. A civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros meios. Trata-se de uma tarefa múltipla. A autoestima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores; ademais, sua curiosidade, movida, é verdade, pelo mais forte interesse prático, pede uma resposta (FREUD, 2006c, p. 25).

Constituir identidades coletivas é uma das formas possíveis para lidar com a questão do desamparo. Ou melhor, constituir-se em identidades coletivas tem função de amenizar nossa posição ante o desamparo. A visão de que, estando em coletividades, atenuamos e nos consolamos de nosso desamparo é secularizada por Freud em forma também de religião. Essa secularização, segundo Freud, por se dar por uma via filogenética ou ontogenética.

Tentei demonstrar que as ideias religiosas surgiram da mesma necessidade de que se originaram todas as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa contra a força esmagadoramente superior da natureza (...) a humanização da natureza deriva da necessidade de pôr fim à perplexidade e ao desamparo do homem frente a suas forças temíveis, de entrar em relação com elas e, finalmente, de influenciá-las (FREUD, 2006c, p. 30).

É o conceito do desamparo como afeto principal na teoria psicanalítica que possibilita as relações de produção de sentido e um potencial emancipatório do sujeito. O desamparo é o vazio, o nada produtor da angústia, o espaço possível de preenchimento com sentido. A possibilidade individual de produção de sentido traz de volta o protagonismo ao personagem que se depara com tal afeto, como vemos em Freud:

Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo<sup>6</sup>. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos (FREUD, 2006c, p. 91).

---

6 Grifo nosso: salvo do desamparo.

Apropriamo-nos do conceito desamparo também como fator emancipatório possível a partir de uma livre circulação e produção de sentido, em detrimento do sentido monopolizado de uma relação de liderança repressiva e sua articulação ao medo. A partir disso é possível pensar os modos do político e da ação política. A política não necessariamente deve ser reduzida ao medo como única forma de elaborar o desamparo.

Tanto Freud quanto Schmitt se utilizariam de um modelo ou aparato teológico-político para embasar seus conceitos sobre as coletividades. Para Freud é necessária uma cena, um ato bárbaro, para nos tirar da barbárie que recalamos e nos retorna como a moral de uma estrutura secularizada. A horda secularizada encontra perpetuação e cada coletividade que se identifica. O objetivo dos grupos que mantêm um forte potencial alienatório é justamente manter-se, institucionalizar-se como unidade ontológica, assim buscando dissipar os efeitos do desamparo.

Os dois autores mantêm um referencial de estrutura coletiva monoteísta. O monoteísmo pode ser descrito como uma neurose que aniquila o acesso do sujeito ao desejo em detrimento de uma relação de representatividade. Portanto, torna-se possível perceber o lugar de liderança como um dos pontos cegos da teoria da democracia (estrutura democrática) proposta a partir da descrição freudiana. O modelo de um monoteísmo repressivo, como vemos em estruturas sociais modernas ou contemporâneas, prega o assujeitamento e não o sujeito. É a aniquilação do desejo via cerceamento da produção de sentido por uma relação de medo. É a incerteza, própria da angústia, que faz parte do campo da produção de sentido. A produção de sentido (no campo simbólico) é o que possibilita uma emancipação ante o desamparo.

A política se apresenta como forma (modo) de organizar as demandas de ações originadas dos afetos possíveis que constituem um corpo social. O monoteísmo é uma forma político-religiosa secularizada e replicada. É a interdição ao desejo por excelência, é um pedágio de acesso, é propriamente a castração do desejo e da livre circulação de sentido.

**Referências bibliográficas:**

- BLUMENBERG, H. *The legitimacy of the modern age*. Trad. de R. M. Wallace. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- FREUD, S. (1913). *Totem e Tabu*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- FREUD, S. (1921). *Massenpsychologie und Ich-Analyse*. Hamburg. Nikol Verlagsgesellschaft mbH & Co. 2010.
- FREUD, S. (1921). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- FREUD, S. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: Obras completas de Sigmund Freud, vol. 15. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. (1927) *Die Zukunft Einer Illusion*. 2ª edição. Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1928.
- FREUD, S. (1927-1931) *O Futuro de uma Ilusão / O Mal-Estar na civilização e outros trabalhos*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.
- FREUD, S. (1937) *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006d.
- MARON, W. *Do que é feito um líder? Uma leitura psicanalítica sobre as coletividades e suas identificações*. Curitiba: Juruá, 2016.
- MOHR, A. M. & VIEIRA, F. M. *Filosofia, religião e psicanálise*. 1ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- SCHMITT, C. *Teología Política*. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.